

O resgate das bruxas



Por **IRIS BOFF***

Educadas mais por mulheres conscientes e liberadas, as crianças de hoje começam a resgatar uma outra consciência dessa figura outrora execrada

Carregadas de sabedoria, as velhas bruxas, estão vivas dentro da mulher moderna, desse novo milênio que avança mais e mais. Enterradas no fundo das catedrais patriarcais, lugar de fontes de água em que se adoravam as deusas, elas ressurgem.

Do mesmo modo, como ressurgem, do fundo do templo de nossos corpos, quando a mãe, a filha a irmã, a avó, a amiga ou a amante se reúnem e lhes emprestam a voz no som dos cantos e encantos de nossas danças, falas, gestos e rituais.

Elas caminham conosco, nos dão alento e inspiração, na busca insana e tateante por nossa ainda nascente identidade feminina. Fomos aquilo que o homem quis, como o mostrou Simone de Beauvoir.

Daqui para frente, as velhas bruxas, como deusas eternas, em corpos jovens, velhos ou crianças, homens ou mulheres, vindas dos nossos sonhos mais ancestrais nos inspiram a sermos aquilo que o nosso desejo mais genuíno e honesto quer: ser plenamente nós mesmas como mulheres.

A duras penas assumindo os equívocos e responsáveis pelos próprios erros, não toleraremos mais que alguém no vai vigiar, dirigir, escolher ou ditar nossas vidas como mulheres. Nós tomaremos nossa história em nossas mãos.

A magia negra, os feitiços, os maus agouros, a figura feia tenebrosa dos contos de fada, escritos a partir do patriarcado, hão de desaparecer junto com ele. Em nome destas figuras milhares de mulheres, tidas por bruxas, foram mortas ou queimadas pela Inquisição.

A bruxa do nosso imaginário infantil, inventado por nossa cultura machista, constitui uma grande falácia. Foi um instrumento de dominação patriarcal sobre a mulher.

O homem não tinha o acesso, o controle e o conhecimento do poder de criar e recriar a própria vida, o manejo das ervas, o dom de cura, de benção, o cuidado e a proteção, que a mulher de sabedoria, a essência do ser bruxa, era investida.

Com a ascensão do patriarcado, esse negou todo o poder da mulher. Impingiu-lhe uma imagem distorcida e bem à sua conveniência. Por medo e inveja do seu poder, a bruxa era vista como má, asquerosa, perigosa, que, tendo pacto com o Demônio, precisava ser banida, castigada, negada, esquecida. Sua rebeldia merecia ser execrada e queimada viva em praça pública, como ocorreu com Joana D'Arc, em 1431, queimada viva com apenas 19 anos depois de ter comandado, vitoriosamente, parte do exército francês contra a ocupação inglesa. Curiosamente em 1920 foi proclamada santa e feita padroeira da França.

O que era bênção, se tornou maldição. Educadas mais por mulheres conscientes e liberadas, as crianças de hoje começam a resgatar uma outra consciência dessa figura outrora execrada.

Embalando o berço ou com os seios de fora, para amamentar essa nova geração, a mulher do século XXI, reinventa a vida, assume a cátedra, pesquisa e escreve, se serve do telefone, do whatsapp, das mídias sociais e do computador para reescrever a sua história, não para destruí-la ou negá-la, mas para refazê-la e completá-la.

Aqui vai uma pequena observação crítica: reproduzida não só da espécie, lamentavelmente, não poucas mulheres se

a terra é redonda

fizeram também as reprodutoras de falsos padrões de comportamento, ainda ditados por uma cultura machista ou por valores de uma religião misógina e pela supremacia do Masculino sobre o Feminino.

Mas assumindo nossa condição de bruxas benfazejas, vamos montar na vassoura de nossa consciência, varrer e banir de uma vez por todas esse embuste para o nosso bem e de nossas crianças, finalmente também da família humana como um todo.

É bom re-escrever os contos infantis, aprendendo lidar e integrar o mal em lugar de projetá-lo em um ser como bode expiatório que seria a bruxa.

A humanidade nasceu e cresceu ao redor da fêmea e do poder matriarcal, a mais primordial fase de nossa história. Depois, por caminhos misteriosos, reafirmou-se o macho com seu poder patriarcal e obnubilou a herança ancestral do feminino.

Agora estamos vivendo um momento privilegiado. Pela primeira vez na história da humanidade ambos, o feminino e o masculino, o homem e a mulher como parceiros paritários, estão se reconciliando e criando uma aliança bem-aventurada.

A mulher, guardiã da alma, a grande velocidade, está saindo da caverna. E o homem cansado e desencantado quer voltar para casa, mas ela não existe mais como antes. Ambos, homem e mulher, vão limpar e reorganizar a própria casa. Entenderão a nova tarefa, a de cuidar da Casa Comum, da Mãe Terra, habitada pela nova família humana, nem matriarcal e nem patriarcal, mas andrógina para a saúde e bem das relações humanizadoras e benéficas para a inteira humanidade.

***Iris Boff**, é escritora, feminista e eco-pedagoga.

**O site *A Terra é Redonda* existe graças aos nossos leitores e apoiadores.
Ajude-nos a manter esta ideia.
[Clique aqui e veja como](#)**